

África em língua portuguesa: variação no português africano e expressões literárias

Alexandre António Timbane

Academia de Ciências Policiais - Moçambique
Universidade Federal de Goiás- Brasil

Sabrina Rodrigues Garcia Balsalobre

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - Brasil

Vivemos num mundo globalizado, cheio de inovações em todas as esferas da sociedade desafiando, assim, a interdisciplinaridade no espaço acadêmico-científico. Neste volume coloca-se em debate a variação linguística do português (4 capítulos) e a literatura palopiana (6 capítulos) que se entrosam criando um diálogo harmonioso. Assim sendo, observa-se que a língua portuguesa falada em África se distancia, paulatinamente da variedade europeia e apresenta características linguísticas próprias em nível fonético-fonológico, sintático, semântico, lexical e pragmático. A literatura ‘palopiana’ adquire cada vez mais identidade própria, fazendo surgir uma literatura genuinamente africana com características próprias. Essa tendência é comprovada através de vários estudos que serão aqui representados.

O espaço dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) é multilíngue e multicultural. Essa multiculturalidade influencia de certa forma na maneira como os africanos falam ou (re)contam as suas realidades. Nenhum africano nascido e crescido naquele contexto consegue se expressar tal como se fala em Portugal, o que significa que os PALOP adotaram o português e fazem o uso segundo as realidades locais. O sistema educacional tem enfrentado insucesso devido à cópia de modelos de ensino estrangeiros e sem repensar a realidade local. Constata-se que a situação educacional nos PALOP é complexa e, por isso, algumas vozes (como as que leremos nesta obra) têm apostado na educação bilíngue como medida possível para eliminar o abandono escolar, aumentar a autoestima dos alunos e das comunidades onde as diversas línguas autóctones são faladas. Nesse sentido, esta obra reúne trabalhos de pesquisadores que discutem fundamentalmente questões internas e externas às línguas africanas; a situação do português

em África e sua variação; e, ainda, debates sobre a literatura e seus significados no espaço dos PALOP sob perspectiva analítica de africanos e brasileiros.

Assim sendo, a primeira parte *A variação e a mudança do português africano* oferece 5 textos. O primeiro, de Alexandre António Timbane discute *A variação linguística no português moçambicano: uma análise sociolinguística da variedade em uso*. O texto descreve a influência do plurilinguismo na formação do português em Moçambique. Discute a relevância da política linguística colonial na formação da variedade moçambicana, assim como a influência das Línguas Bantu moçambicanas. O texto explica a razão pela qual não surgiram crioulos em Moçambique e define o conceito de moçambicanismos e sua relação com a formação da variedade. O texto termina mostrando que o português de Moçambique é uma realidade presente e cabe a cada linguista contribuir para a sua descrição bem, como para a criação de gramáticas e de dicionários que refletem a realidade moçambicana.

O segundo texto, de Ezequiel Pedro José Bernardo, é intitulado *Norma e variação linguística: implicações no ensino da língua portuguesa em Angola*. O texto descreve a diversidade linguística angolana oriunda do multilinguismo, da coabitação de cerca de vinte línguas africanas com o português, língua oficial de Angola. Este espaço sociolinguístico complexo promove o contacto linguístico e, concomitantemente, a interferência entre línguas. Situações de violências simbólicas frequentes na realidade angolana são motivadas pelo ensino que relega a variação linguística a um ensino dogmático voltado à doutrina da gramática tradicional que, ao invés de agregar as qualidades dos alunos, segrega-os. O texto termina aprofundando a discussão de que língua é um produto de práticas sociais, que vai sofrendo alterações em função de fatores sociais e históricos. A pesquisa chama atenção dos professores para que adotem uma pedagogia construtiva e sem preconceito.

O terceiro texto de Sabrina Rodrigues Garcia Balsalobre debate *Expressões de poder e de solidariedade em Moçambique e em Angola: observando a inter-relação entre gênero e formas de tratamento*. Trata-se do resultado de uma pesquisa de campo feita em Moçambique e Angola. O texto faz uma breve observação sobre as nuances particulares de uso do português em Moçambique e em Angola para depois situar o fenômeno linguístico ‘formas de tratamento nominais e pronominais’, à luz da Sociopragmática. Para além disso, a autora faz uma breve observação sociolinguística sobre o gênero/sexo, em função de que essa questão mostrou-se um fator motivador importante para a opção por uma forma de tratamento em detrimento de outras. Assim sendo, constatou-se a diferença no padrão de comportamento entre homens e mulheres quanto à forma de se abordar o interlocutor.

O quarto texto, de Rajabo Alfredo Mugabo Abdula discute sobre *A criatividade da língua portuguesa: estudo de moçambicanismos no Português de Moçambique*. O autor observa a preocupação em descrever a formação e a expansão lexical do português que, muitas vezes, resulta do contato entre a língua oficial e as diversas línguas bantu faladas pela maioria dos moçambicanos. A pesquisa identificou as principais línguas bantu que contribuem com formações lexicais no português moçambicano chegando à conclusão segundo a qual os estrangeirismos e os empréstimos linguísticos não ‘estragam’ a língua, mas sim enriquecem dando identidade à ‘nossa variedade’. Concluiu-se que os empréstimos provenientes das línguas bantu para o português seguem as normas da língua de chegada e há casos de hibridismo linguístico nessas formações.

O quinto e último texto desta primeira parte é da autoria de Marcelino Horácio Velasco e de Alexandre António Timbane, cujo debate se centra no *processo de ensino-aprendizagem do português no contexto multicultural moçambicano*. Os autores abordam a interferência das línguas africanas na aprendizagem do português, em especial no ensino fundamental. No que se refere às experiências de práticas linguísticas no espaço escolar e as possíveis causas do fracasso escolar entre alunos provenientes de famílias pertencentes às classes multiculturais, os autores apontam a origem do problema ressaltando que não oficialização das línguas africanas nos espaços onde elas ocorrem seja um dos erros da política linguística. Dada à complexidade que caracteriza a identidade linguística, étnica e cultural dos moçambicanos, novos desafios se impõem ao ensino fundamental, sobretudo no que se refere ao processo de formação do professor que possa receber e atuar diante de alunos provenientes de culturas distintas. O texto propõe a inclusão da educação bilíngue defendendo que o bilinguismo não deve constituir problema, havendo necessidade de valorizar a relação tripartida entre língua, cultura e ensino em contexto multicultural.

A segunda parte é intitulada *A literatura africana de expressão portuguesa*. Nela se apresenta seis textos. O primeiro é dos angolanos, Manuel da Silva Domingos e Nsimba José cujo título é *Memória coletiva e construção de identidade linguística nas narrativas de Alfredo Troni e Uanhenga Xitu*. O estudo analisa as narrativas de Uanhenga Xitu e Alfredo Troni sob a perspectiva discursiva e da memória coletiva. Considerando a textualidade, os autores demonstram que, apesar da variação estilística e linguística, os textos dessas narrativas obedecem aos critérios de textualidade típicas do português, sobretudo no que diz respeito à coesão gramatical e à coerência. Contudo, há também estruturas consideradas formalmente agramaticais, denunciando a presença da variação no português angolano. O texto conclui que as duas narrativas contribuem muito para a construção da

identidade linguística do Português de Angola, recorrendo aos dados da memória coletiva, que permitem reportar práticas linguísticas típicas das comunidades representadas nas narrativas.

O segundo texto, *O luso, o trópico e o cão tinhoso nas revelações literárias de Honwana*, é da autoria de Sueli Saraiva e faz reflexões sobre a resistência intelectual às ideias lusotropicalistas dos movimentos anticoloniais em Moçambique, e também em outros territórios colonizados. O texto analisa o texto do moçambicano Luís Bernardo Honwana, analisando as reivindicações pela autodeterminação dos povos africanos e de libertação total das amarras do velho império, buscando o lastro na teoria freyreana. Ao se oporem à calamitosa subjugação social, económica, cultural e política que organizava a dinâmica da sociedade colonial, favorecendo exclusivamente um pequeno grupo dominante, os agentes da mudança, usando armas concretas e simbólicas, desmascararam o discurso fundado numa fantasia político-ideológica e numa cegueira voluntária, devidamente apropriada pelo Estado português. O que prevaleceu na história testemunhada pela ficção do imortal *Nós matamos o cão tinhoso* foi a desconstrução de um mito e a demonstração da prevalência do “inferno de exploração, segregação e violência”, marcas indeléveis de quaisquer regimes de dominação.

O terceiro texto, da autoria de Maurício Silva tem como título *Os sentidos e os não sentidos da língua portuguesa: questões de língua e linguagem nos contos de Mia Couto*. Nele se analisa o processo de colonização apontando para a imposição ao colonizado um *outro* modo de falar que atuou no sentido de sequestrar ao colonizado a possibilidade e o direito de narrar, de contar histórias. O texto analisa o português transplantado, no contexto da colonização, mostrando a sua artificialidade e a função de instrumento de exclusão ao invés de servir de instrumento de ingresso no mundo dos direitos. De acordo com o autor, Mia Couto – um dos principais expoentes da literatura africana – desfaz essa distorção por meio de um ‘idioma’ que, efetivamente, resgata não apenas o modo de falar do homem moçambicano, mas principalmente seu modo de ser: sua cultura, sua personalidade, sua religião. Torna, assim, o seu ‘rabisco fora da cartilha’ num riscado dentro da existência.

O quarto texto, *A mulher nos contos de Mia Couto: uma leitura pós-colonial*, foi elaborado por Márcia Moreira Pereira e retoma discussões autor do texto anterior, mas focando para perspectiva feminista. A autora analisa o quanto a voz feminina torna-se, por meio dos artifícios literários, forte e consistente, apesar de tanta opressão, mas também o quanto ainda falta para que se afirme plenamente como uma voz da liberdade. Na escrita miacoutiana, as protagonistas são mulheres presas à cultura patriarcal, às amarras do colonialismo e a seus

próprios medos. Nos dois contos analisados, as personagens discutem sua condição feminina e o seu desenraizamento: uma é abandonada e assume sua condição de mulher livre; outra abandona, mas não consegue se libertar das amarras morais presentes em sua vida durante tanto tempo, recusando, assim, sua própria liberdade, por não saber o que fazer com ela. O texto termina apontando duas angústias: a da libertação colonial ou matrimonial e da conscientização, por meio da qual se mostra possível alcançar a liberdade, embora com dificuldades em aceitá-la. A mulher representada nos contos miacoutianas pode ser compreendida não apenas como figura submissa e incapaz, mas como sujeito de sua própria história, que, ao tomar consciência de sua condição pessoal e social, finalmente, liberta-se.

O quinto texto, *O silêncio anticolonial de Conrad e Eça, ou a impossível arte de narrar o horror*, de José Carlos Siqueira, analisa duas obras em que a história a ser contada não está lá – tudo o que a narrativa concreta faz de significativo é *um gesto*, uma indicação para um (não-)signo, um (não-)texto, uma outra (não-)obra, que existe na sombra da obra concreta. Em *O coração das trevas*, os vários narradores gesticulam com seu contar para outras narrativas, as quais quanto mais se distanciam da narrativa originária, mas perto se aproximam do inumano, ou da *irrealidade* do humano. Em *A ilustre Casa de Ramires*, cada “autor” gesticula com seu livro para outros livros, cujo limite é o romance que não pode se escrito, mas que habita à sombra do romance concreto. O texto fecha as análises mostrando que o inapreensível se situar nessas obras dentro do campo psicanalista do Tântatos, mas não em sua fenomenologia individual e sim no seu caráter *específico*, relativo à *espécie humana*. Indica-se no gesto dessas narrativas para o aquilo que há de mais destrutivo e incontrolável no caráter humano, na pulsão de morte que move não apenas o espécime mais toda a espécie. Algo que como a Medusa, destrói ao ser olhado e, por isso, precisa do escudo de Teseu para ser refletido, mas não apreendido.

O último texto, *O uso das ‘Languages of Wider Communication’ na música moçambicana*, de Cremildo G. Bahule, trata da interação linguística entre a música e as línguas usadas na redação das letras. A pesquisa comprova um uso forte das LWC na música moçambicana, entendendo que os artistas fazem uso da língua como mercadoria e isso provoca uma batalha linguística que caminha de forma paralela com a batalha musical. O texto mostra que o uso das LWC como o inglês, o francês e o português faz com que os músicos usem a língua em conexão com a música, e a arrostem como uma mercadoria. Esta visão artística revela uma ‘batalha das línguas’ (Lopes, 2004) entre as LWC e as línguas autóctones ou no seio das LWC, o que se torna uma força motriz para que se desenvolva uma batalha das músicas. Retoma-se a necessidade da preservação e revitalização dos

patrimônios culturais do país. Porém, mais do que fomentar batalhas (linguísticas e musicais), deve-se articular essas duas realidades com a finalidade de alavancar a música moçambicana e inseri-la de modo sazonado, no mundo globalizado.

Sabe-se da dificuldade que esses países enfrentam na produção de materiais que discorrem acerca de sua situação linguística e literária. Dessa forma, essa obra traz uma contribuição para que a democratização do conhecimento seja mais ampla no espaço lusófono. Por isso, propõe-se a divulgação desse livro por meio físico e eletrônico, a fim de que a sua circulação seja maior e mais democrática, podendo atingir um público mais amplo e distante geograficamente.